

Novo exemplo de Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

9 DEZ 1995

DF saúde

Todo mundo sabe dos interesses das indústrias química e farmacêutica, nem sempre muito legítimos, lamentavelmente com certa frequência preocupados em aproveitar o mercado da doença. Enquanto o Estado, supostamente responsável pelo bem comum, se omite de zelar pela sua raiz, a saúde ameaçada. Troca de objetivos, dos setores públicos e privado, levando a problemas ainda maiores.

O Governo do Distrito Federal, justiça se lhe faça, acaba de dar o primeiro passo concreto e ostensivo rumo à solução do problema. Já que não lhe cabe resolver o problema nacionalmente, ele se decide pelo menos, o que não significa pouco, a buscar soluções originais em nível local.

E o que se vê nas conclusões do Grupo de Trabalho de Saúde e Desenvolvimento Integral, há pouco apresentadas, ousando colocações heterodoxas e criativas. Partindo de que "a intenção é somar esforços, dentro de uma perspectiva sobretudo realista, mas também inovadora, e que pudesse apresentar resultados concretos, abrangentes e duradouros, a curto-médio prazo, inclusive porque a situação dos extratos sociais de baixa renda está próxima do insuportável".

Outra declaração, a implicitamente final, também merece reprodução na íntegra e comentá-

rios: "Rapidamente o GT superou a idéia de se começar pelo reequipamento puro e simples de hospitais e postos de saúde, e introdução de medicinas não-alopáticas, como a homeopatia, a acupuntura, a naturopatia, somadas a medicamentos fitoterápicos (ervas medicinais). A postura, desde o início consolidada, era a de se investir na saúde, e não na doença, de modo que o hospital, e qualquer forma de medicina, passasse a ser, em realidade, a última opção". Brasília e Planaltina foram escolhidos como centros pilotos da experiência de renovação de métodos. Trata-se da busca de um desenvolvimento integral em termos de saúde pública.

Sem uma ação comunitária integral, exercida por equipes locais, nada seria viável. Daí o empenho do projeto e mobilizar a comunidade de baixo para cima, realmente. A vizinhança de Goiás e Minas Gerais se viu logo reconhecida. Muitos dos problemas sanitários se originam nas vizinhanças imediatas.

E sem memória, mesmo em pequena escala no caso, também nada feito. Contempla-se, por isso, a implantação de um sistema de documentação e informática para a proposta. Indo ao ponto de exortação por panfletos e rádio, com acompanhamento por uma coordenação de secretaria executiva. Tudo por etapas, avaliando-se

cada uma após a outra.

Dois centros de vivência descentralizarão os trabalhos, com recursos GDF/Novacap-Centro Fitoterápico e Cenagri/Prodecor-Horto Medicinal, respectivamente.

A final institucionalização dependerá de decisão do governador José Aparecido. Demandará tempo para conclusão das experiências. O principal consiste no próprio princípio inovador: vai-se tentar, pela primeira vez nesta magnitude no Brasil, um projeto global de medicina natural e comunitária. De novo Brasília como grande laboratório social, fiel à sua vocação histórica. Ecologia e autodeterminação encontram-se no cerne desta etapa. Na prática, não só em palavras, por meritórias que sejam. Chegou a hora de se começar algo na prática em grande escala. Que os pioneirismos se materializem. Não se pode mais esperar na saúde pública brasileira.

Alguns países vêm precedendo o Brasil no gênero. Lembre-se só o caso da China, por muitos citado. Lá até existem dois tipos de médico, o sofisticado cientificamente e o atendente dos casos simples, um com cursos longos e outro instruído sumariamente. Valerá a pena o Distrito Federal conhecer mais de perto o modelo. Mais como troca de experiência, que importação de estrangeirismos.